

Allan Kardec: sua mediunidade e fenômenos que protagonizou

(Allan Kardec foi médium?)



Paulo Neto

Allan Kardec: sua mediunidade e fenômenos que protagonizou

(Allan Kardec foi médium?)

(Data publicação: 30.05.2025)

“As experiências dos séculos mostram quão tenazes são as ideias preconcebidas contra as quais só uma coisa é realmente eficaz: a obra do tempo!” (ERNESTO BOZZANO)

“A verdadeira força da compreensão consiste em não deixar o que sabemos confundir o que não sabemos.” (RALPH WALDO EMERSON)

Paulo Neto

PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador

Rua Senador Souza Naves, 2245

CEP 86015-430

Fone: (43) 3343-2000

www.oconsolador.com

Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação

Paulo Neto

P355a

Allan Kardec: sua mediunidade e fenômenos que protagonizou: Allan Kardec foi médium? / Paulo da Silva Neto Sobrinho; revisão Hugo Alvarenga Novaes. – Londrina, PR: EVOC, 2025.

66 p. : il.

Capa:

<https://cccdpe.org.br/wp-content/uploads/2022/12/Captura-de-Tela-2022-12-08-as-16.01.50-768x514.png>

1. Espiritismo. 2. Mediunidade. 3. Kardec, Allan, 1804-1869. 4. Fenômenos espíritas. I. Novaes, Hugo Alvarenga. II. Título.

CDD 133.91
19.ed.

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

Agradecimento

Agradecemos aos amigos

Artur Felipe Ferreira

Júlio César Moreira da Silva

Paulo Cesar Pfaltzgraff Ferreira

Thiago Toscano Ferrari

pelas sugestões visando melhoria nos argumentos
e no texto

Agradecimento especial ao Curador do museu AKOL

Adair Ribeiro Junior

pela autorização do uso do quadro com Allan
Kardec de autoria de St. Georges, que, por
atitude louvável, o doou ao Centro de Cultura,
Documentação e Pesquisa do Espiritismo –
Eduardo Carvalho Monteiro.

Índice

Prefácio.....	5
Introdução.....	7
Allan Kardec foi médium?.....	9
Fenômenos espíritas protagonizados por Allan Kardec.....	34
A previsão sobre a utilização da borracha na locomoção....	51
Conclusão.....	58
Referências bibliográficas.....	59
Dados biográficos do autor.....	62

Prefácio

Convidamos a todos que façam uso do raciocínio lógico diante dos fatos, que nos levam a conclusão, de que Allan Kardec era médium intuitivo. Pois bem, levantamos uma pergunta: Se existe médium intuitivo, por que Allan Kardec, com primorosa missão de ser o codificador do Espiritismo, através dos Espíritos superiores, não o seria?

O fato é, que em vários contextos, poderemos perceber essas intuições. Como, por exemplo, o episódio acontecido com a médium clarividente Sra. V... que narra ter visto vários Espíritos “*alguns há que parecem muito elevados, e o inspiram; um deles especialmente parece ser superior a todos os demais, sendo-lhes objeto de deferências*” (*), justamente quando elaborava a obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. O que nos remete a ser o Espírito da Verdade.

Com certeza Allan Kardec estava sendo intuído, mas não sabia, pois esta capacidade de ser

intuído por Espíritos superiores não poderia lhe tirar o mérito de formatar a Codificação através de sua própria concordância com o que havia compreendido. Desta forma, na medida que era intuído, também aprimoraria evolutivamente.

O comentário posterior de Allan Kardec à Sra. V... não deixa dúvidas. Todas as circunstâncias comungam na prova de que em realidade, a senhorita V... a tudo presenciava, não sendo joguete da própria imaginação.

Tal fato constitui para mim uma prova do interesse que os Espíritos tinham neste trabalho, bem como na assistência que a mim dispensam as minhas atividades.

Em *Allan Kardec, sua mediunidade e fenômenos que protagonizou*, o pesquisador Paulo Neto nos elenca fatos que, sem a menor dúvida, evidenciam que o Codificador foi médium intuitivo.

Shirley de Siqueira
Poços de Caldas (MG)

(*) KARDEC, *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 2006, p. 434.

Introdução

"Se tenho razão, todos acabarão por pensar como eu; se estou em erro, acabarei por pensar como os outros."
(ALLAN KARDEC)

O nosso objetivo, nesse ebook, é o de fornecer elementos suficientes para, com toda a segurança possível, responder à questão: "*Allan Kardec foi médium?*"

Não raras vezes, ouvimos expositores e estudiosos espíritas afirmarem categoricamente que o Codificador não teria sido médium. A base para tal afirmação é uma negativa do próprio Allan Kardec (1804-1869), porém, o que se deve entender é que, simplesmente, ele se referia a não ser um médium ostensivo, ou seja, de possuir a mediunidade no sentido restrito, nada além disso.

Nosso propósito, não é “rebater” nenhum desses confrades e muito menos os desprezar,

colocando-nos, por puro orgulho, como o “dono da verdade”. O que nos move é apenas a verdade dos fatos, esteja ela de que lado for.

Além disso, apresentaremos fenômenos espíritas ocorridos com o Mestre de Lyon que poucos conhecem, pois somente com uma minuciosa garimpagem nas obras da Codificação Espírita, será possível detectá-los.

Allan Kardec foi médium?

"O que é evidente, para nós, pode não ser para vós outros; cada qual julga as coisas debaixo de certo ponto de vista, e do fato mais positivo nem todos tiram as mesmas consequências." (ALLAN KARDEC)

Como dissemos, é muito comum ouvirmos de palestrantes, expositores e coordenadores de estudos doutrinários afirmarem, incisivamente, que *"Allan Kardec não foi um médium"*.

Embora não tivéssemos nada para nos apoiar, achávamos isso muito estranho, pois a nossa impressão sempre foi a de que ele o era, por alguma coisa que havíamos lido, mas não sabíamos exatamente onde.

Há muitos relatos nas obras da Codificação que provam que Allan Kardec era, de fato, médium. Nós os citaremos no próximo capítulo.

Em obras literárias, espíritas ou não, é certo

que encontraremos opinião contrária, como, por exemplo, em **Mediunidade** (1978), de autoria de J. Herculano Pires (1914-1979), que disse:

[...] Mas o próprio Kardec não era **médium**, porque a sua missão era científica e não mediúnica. **Cibia-lhe estudar e pesquisar a mediunidade** para desdobrar a incipiente cultura terrena, revelando aos cientistas a face oculta da Natureza, a realidade desconhecida do *outro mundo* que eles não percebiam e quando percebiam não aceitavam. [...]. (¹) (itálico do original) (Nas transcrições e, às vezes, no texto normal todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, avisaremos.)

Por oportuno, também citaremos a obra **A Mesa, o Livro e os Espíritos** (1990), cujo teor é de cunho acadêmico e histórico, na qual os seus autores, os antropólogos Marion Aubrée e François Laplantine, a primeira doutora em antropologia, o segundo seu professor-orientador, afirmam:

Obra que organiza uma coleta de dados, O *Livro dos Espíritos* não foi, como se afirmou, ditado pelos Espíritos – pois **Kardec nunca foi médium** – mas foi elaborado em colaboração com eles; dois especialmente o ajudaram: Z (²), e sobretudo, o Espírito da

Verdade. [...]. (3) (itálico do original)

De onde será que os autores Marion Aubrée e François Laplantine tiraram isso? É bem provável que encontraremos a pista em Hermínio Corrêa de Miranda (1920-2013). Do seu texto intitulado **Allan Kardec e o Mistério de Uma Fidelidade Secular**, transcrevemos o seguinte trecho:

Frequentemente, os ataques a Kardec buscam apoio em **pronunciamentos do médium escocês Daniel Dunglas Home**. No livro “Luzes e Sombras do Espiritualismo”, de Home, Vartier (4) vai buscar o seguinte: “**Sabe-se que Allan Kardec não foi médium**. Ele nada fazia senão magnetizar ou ‘psicologizar’ pessoas mais impressionáveis do que ele”. (5)

Fomos conferir na versão inglesa intitulada **Lights and Shadows of Spiritualism** (1878), nela poderá ser encontrada esta afirmação de Daniel D. Home (1822-1886):

“É, ou deveria ser bem conhecido, que **Allan Kardec não era ele próprio um**

médium. Ele simplesmente magnetizava ou usava da psicologia nas mentes mais frágeis e mais sensíveis do que a sua".
(⁶)

Nessa obra, o médium Daniel D. Home não poupa críticas a Allan Kardec, apesar de o Codificador não o ter tratado de forma correspondente, quando, por várias vezes, se referiu a ele na *Revista Espírita*.

Interessante é que os dois autores Marion Aubrée e François Laplantine confirmam essa posição de Daniel D. Home, acrescentando que, em 1923, o filósofo, metafísico e crítico social francês René Guénon (1886-1951), toma-lhe essa tese, que, seguramente, também foi absorvida por eles, conforme se pode ver à página 44, da obra **A Mesa, o Livro e os Espíritos**, que transcrevemos um pouco mais acima.

Vejamos o que ambos citam de René Guénon (⁷), autor de *L'Erreur Spirite*:

Sob o império de sua vontade enérgica,
seus médiuns eram máquinas de escrever,

que reproduziam servilmente seus próprios pensamentos. Se, às vezes, as doutrinas publicadas não estavam de acordo com seus desejos, ele as corrigia à vontade. **Sabe-se que Allan Kardec não era médium.** Ele conseguia magnetizar as pessoas que eram mais impressionáveis que ele. (8) (itálico do original)

Da forma como Marion Aubrée e François Laplantine colocaram, a impressão que se tem é que essa fala é de René Guénon; porém, ao confrontarmos diretamente com o que consta em *O Erro Espírita*, versão em português de sua obra, pudemos constatar que, na verdade, a fala é de Daniel D. Home, que René Guénon cita mencionando como sua fonte a obra “*Les Lumières et les Ombres du Spiritualisme*”, às p. 112-114 (9). Aliás, é a mesma obra citada por Hermínio de Miranda, na versão francesa.

Acreditamos que é exatamente por conhecer e até citar o pensamento de Daniel D. Home, é que, em ***O Erro Espírita***, um pouco antes de mencioná-lo, o autor René Guénon, em crítica bem mordaz, diga-se de passagem, disse:

[...] Efetivamente, posto que para os espíritas o homem é muito pouco mudado pela morte, não se pode confiar no que dizem todos os “espíritos”: existem os que podem nos enganar, seja por malícia, seja por simples ignorância, e é assim como pretendem explicá-las “comunicações” contraditórias; somente nos cabe perguntar como podem distinguir-se de outros os “espíritos superiores”. Seja como for, **há uma opinião** que está bastante estendida, inclusive entre os espíritas, **e que é inteiramente errônea: é que Allan Kardec teria escrito seus livros sob uma espécie de inspiração; a verdade é que ele mesmo jamais foi médium**, que era ao contrário um magnetizador (e dizemos ao contrário porque ambas as qualidades parecem incompatíveis), e que é por meio de seus “sujeitos” como obtinha as “comunicações”. Quanto aos “espíritos superiores” por quem estas foram corrigidas e coordenadas, não eram todos “desencarnados”; Rivail mesmo não foi alheio a este trabalho, mas não parece ter tido nele a maior parte; acreditam que a coordenação dos “documentos de além-túmulo”, como se dizia, deve atribuir-se, sobretudo a diversos membros do grupo que se formou ao redor dele. (10)

Infelizmente inúmeras pessoas agem com ingenuidade ao acreditar piamente no que os outros

dizem, sem se preocuparem em saber se é verdade ou não; com isso, muitas vezes, acabam como que abrindo “um saco cheio de penas” no topo de um elevado monte, espalhando, pelo ar, mentiras ou calúnias.

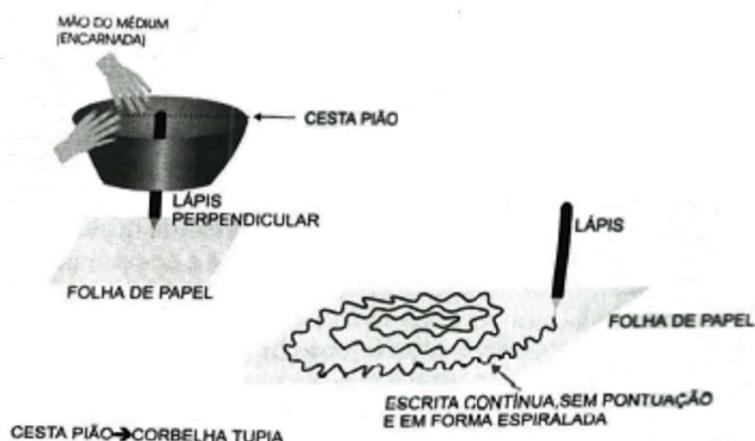
Na **Revista Espírita 1858**, mês de novembro, tem-se um relato sobre a manifestação de Frédéric Soulié ⁽¹¹⁾, que, na ocasião, ditou o conto “Uma noite esquecida” através da médium Caroline Baudin. Antes de transcrevê-lo, o Codificador faz algumas considerações, das quais destacamos:

No correr do ano de 1856, as experiências de manifestações espíritas que se fizeram na casa do senhor B... [Sr. Baudin], rua Lamartine, aí atraíram uma sociedade numerosa e escolhida. **Os Espíritos que se comunicavam nesse círculo**, eram mais ou menos sérios; alguns aí **disseram coisas admiráveis de sabedoria, de uma profundidade notável**, o que pode se julgar, pelo O *Livro dos Espíritos* que aí foi começado e feito em sua maior parte. [...]. ⁽¹²⁾

Temos também informações a respeito da médium:

O médium que lhe servia de intérprete era a senhorita Caroline B..., uma das filhas do senhor da casa, **médium do gênero exclusivamente passivo, não tendo jamais a menor consciência daquilo que escrevia**, e podendo rir e conversar à direita ou à esquerda, o que fazia de bom grado, enquanto a sua mão caminhava. **O meio mecânico empregado foi, durante muito tempo, a cesta pião**, descrita em nossa instrução prática. Mais tarde, o médium serviu-se da psicografia direta. (13) (itálico do original)

Encontramos esta imagem (14) que dará ideia de como era a cesta pião:



É neste trecho das considerações de Allan Kardec que encontraremos referência a esse fenômeno espírita:

[...] Não a damos como obra de uma alta importância filosófica, mas como uma curiosa amostra de um trabalho de longo fôlego obtido dos Espíritos. Notar-se-á como tudo nele tem sequência, como tudo se encadeia com uma arte admirável. O que há de mais extraordinário, é que esse relato rebrisou-se cinco ou seis vezes diferentes, e frequentemente depois de interrupções de duas a três semanas; ora, a cada reprise, o relato se seguia como se fora escrito de um golpe, sem riscos, sem retorno e sem que houvesse necessidade de lembrar o que havia precedido. **Dâmo-lo tal como saiu do lápis do médium, sem mudar nada**, nem no estilo, nem nas ideias, nem no encadeamento dos fatos. Algumas repetições de palavras, e alguns pequenos pecados de ortografia tendo sido assinalados, **Soulié nos encarregou pessoalmente de retificá-los, dizendo que nos assistiria nisso**; quando tudo terminou, ele quis rever o conjunto, ao qual não fez senão algumas retificações sem importância, e dar autorização de publicar como se o entendesse, fazendo, disse ele, de bom grado a renúncia de seus direitos de autor. [...]. (15)

O detalhe importante que não poderemos deixar de citá-lo, é o fato de Frédéric Soulié ter dito que assistiria a Allan Kardec na tarefa que lhe incumbira de retificar os “*pequenos pecados de ortografia*”. Não há como ocorrer de outra forma, o Codificador só captaria o pensamento do romancista francês caso ele possuísse algum tipo de mediunidade, a de intuição, por exemplo.

Vejamos na ***Revista Espírita 1859***, mês de fevereiro, no artigo “Escolhos dos médiuns”, como foi que Allan Kardec qualificou um médium:

[...] Quem está apto para receber ou transmitir as comunicações dos Espíritos é, por isso mesmo, médium, qualquer que seja o modo empregado ou o grau de desenvolvimento da faculdade, **desde a simples influência oculta até a produção dos mais insólitos fenômenos**. Todavia, em seu uso ordinário, essa palavra tem uma acepção mais restrita, e se diz, geralmente, de pessoas dotadas de um poder mediúnico muito grande, seja para produzir efeitos físicos, seja para transmitir o pensamento dos Espíritos pela escrita ou pela palavra. (¹⁶)

Infelizmente, são poucos os estudiosos que percebem que há duas situações para se classificar um médium: uma no sentido amplo e outra no restrito.

Sem dúvida alguma, pode-se dizer que no sentido amplo todos nós somos médiuns; já no sentido restrito aplica-se somente àqueles em que essa faculdade se manifesta de forma evidente, produzindo os fenômenos de efeitos físicos ou transmitindo o pensamento dos Espíritos; são os designados de médiuns ostensivos.



Sobre essa distinção recomendamos aos interessados estes nossos ebooks: **Todos nós somos médiuns?** (17) e **Médiuns são somente os que sentem a influência dos Espíritos?** (18)



Allan Kardec volta novamente ao tema, tornando-o ainda mais claro, em **O Livro dos**

Médiuns e em **Obras Póstumas**, respectivamente, lemos:

Toda pessoa que sente a influência dos Espíritos, em qualquer grau de intensidade, é médium. Essa faculdade é inerente ao homem. Por isso mesmo não constitui privilégio e são raras as pessoas que não a possuem pelo menos em estado rudimentar. Pode-se dizer, pois, que todos são mais ou menos médiuns. Usualmente, porém, essa qualificação se aplica somente aos que possuem uma faculdade mediúnica bem caracterizada, que se traduz por efeitos patentes de certa intensidade, o que depende de uma organização mais ou menos sensitiva.

Deve-se notar, ainda, que essa faculdade não se revela em todos da mesma maneira. [...]. (¹⁹)

Toda pessoa que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por isso mesmo, médium. Essa faculdade é inerente ao homem, e, por conseguinte, não é, de nenhum modo, um privilégio exclusivo: também há poucos nos quais não se lhe encontra algum rudimento. Pode-se, pois, dizer que todo o mundo, com pequena diferença, é médium; todavia, no uso, essa qualificação não se aplica senão naqueles nos quais a faculdade mediúnica se manifesta por efeitos ostensivos de uma

certa intensidade. (20)

Apenas ressaltaremos, uma vez que não podemos jamais perder isso de vista, que “*Toda pessoa que sente a influência dos Espíritos, em qualquer grau de intensidade, é médium*”.

Na **Revista Espírita 1858**, mês de março, no artigo “O Senhor Home”, encontramos:

[...] Essa faculdade, como, aliás, já o dissemos, **não é um privilégio exclusivo; ela existe em estado latente**, e em diversos graus, numa multidão de indivíduos, não esperando senão uma ocasião para se desenvolver; **o princípio está em nós pelo próprio efeito da nossa organização; está na Natureza; todos nós temo-lo em germe**, e não está longe o dia em que **veremos os médiuns surgirem de todos os pontos**, no nosso meio, em nossas famílias, no pobre como no rico, a fim de que a verdade seja conhecida por todos, porque, segundo o que nos está anunciado, é uma nova era, uma nova fase que começa para a Humanidade. A evidência e a vulgarização dos fenômenos espíritas darão um novo curso às ideias morais, como o vapor deu um novo curso à indústria. (21)

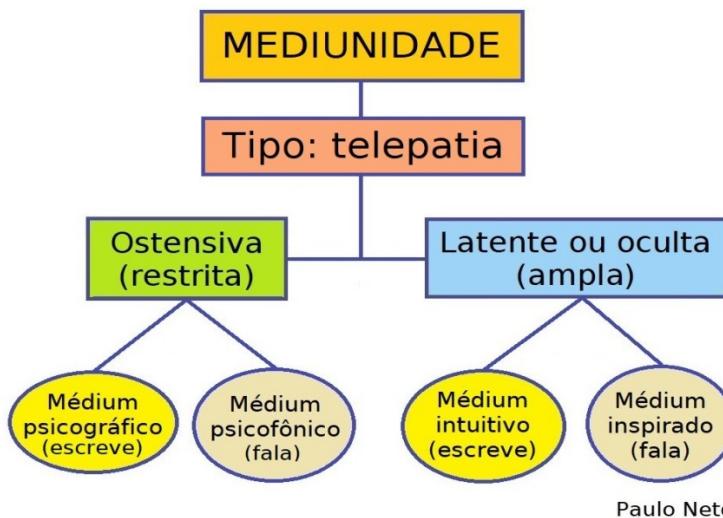
Concluímos que todos nós somos médiuns em potencial, uma vez que a mediunidade é uma característica, ou uma faculdade, como queiram, própria da Natureza humana.

É o que também encontramos em Channing, que, em **O Livro dos Médiuns**, discorrendo sobre os médiuns, disse:

Todos os homens são médiuns. Todos têm um Espírito que os dirige para o bem, quando eles sabem escutá-lo. Quer alguns se comuniquem diretamente com ele, graças a uma mediunidade especial, quer outros só o escutem pela voz interna do coração e da mente. Isso pouco importa, pois é sempre o mesmo Espírito familiar que os acompanha. Chamai-o Espírito, razão, inteligência, será sempre uma voz que responde à vossa alma, dizendo-vos boas palavras. Acontece, porém, que nem sempre as compreendeis. [...] Ouvei pois essa voz interior, esse bom gênio que vos fala sem cessar, e chegareis progressivamente a ouvir o vosso anjo da guarda que vos estende a mão do alto do céu. Repito, a voz interior que fala ao coração é a dos Espíritos bons. E é desse ponto de vista que todos os homens são médiuns. (22)

Mas o que aqui propomos fazer é descobrir se Allan Kardec foi médium no sentido restrito, ou seja, se ele possuía alguma faculdade mediúnica ostensiva ou se era portador de alguma oculta, que a pudéssemos classificar entre os vários tipos de mediunidade.

Elaboramos o seguinte quadro visando facilitar o entendimento:



Paulo Neto

É oportuno destacar do item 191 de **O Livro dos Médiuns**, pela tradução de Herculano Pires, a seguinte definição:

Médiuns intuitivos: – Os que recebem as comunicações dos Espíritos mentalmente, mas escrevem por vontade própria. Diferem dos médiuns inspirados porque estes não têm necessidade de escrever, enquanto **o médium intuitivo registra o pensamento que lhe é sugerido** rapidamente sobre determinado assunto que lhe foi proposto. [...]. (23)

Temos, portanto, que a comunicação mental, via intuição ou inspiração, não é outra coisa senão o que atualmente designamos de telepatia; termo que, segundo o *Houaiss*, somente veio constar de um dicionário no ano de 1899.

Como veremos, de forma a não deixar nenhuma dúvida, será esse tipo de médium que se deve classificar o Codificador do Espiritismo.

Em *Obras Póstumas*, registra-se que, na noite de 24 de março de 1856, Allan Kardec se tornou o protagonista de um fenômeno mediúnico de efeito físico. Estava ele, em sua casa, trabalhando quando ouviu repetidas batidas, cuja origem desconhecia. No capítulo próprio, vamos detalhar essa ocorrência.

No dia seguinte, ou seja, 25 de março, numa sessão na casa do Sr. Baudin, Allan Kardec pergunta ao Espírito Z, o que lhe havia acontecido no dia anterior. A resposta foi que “era seu *Espírito familiar*”, que “queria comunicar-se contigo” (22). Este se identificou dizendo “*Para ti, chamar-me-ei A Verdade*” (23), e explicando o motivo das batidas, disse “*O que eu tinha a dizer-te era sobre o trabalho a que te aplicavas: desagradava-me o que escrevia e quis fazer que o abandonasse*” (24).

De fato, Allan Kardec depois confirmou que havia um erro grave na 30ª linha, que o surpreendeu de tê-lo cometido. (25)

Esse episódio de batidas só poderia ocorrer se tivesse um doador de ectoplasma, “energia” ou “fluído” necessário para a produção desse tipo de fenômeno de efeito físico. Em **Dicionário de Filosofia Espírita**, Lamartine Palhano Jr. (1946-2000) assim a define:

Substância que emana do corpo de um médium capaz de produzir fenômenos de efeitos físicos ou aparições à distância.
Trata-se de uma exalação fluídica, sensível ao pensamento, visível ou invisível, plástica,

inodora, insípida, originalmente incolor, que tem semelhança de uma massa protoplasmática. (26)

Provavelmente, Allan Kardec foi o doador do ectoplasma, uma vez que, naquele momento, ele estava sozinho em casa, já que Amélie Gabrielle Boudet (1795-1883), sua esposa, chegara por volta das dez horas, ouvindo também as pancadas (27). Entretanto, como não temos informação de que algo parecido tenha acontecido posteriormente, falta elementos para o identificar como sendo médium de efeitos físicos.

Allan Kardec, no diálogo com o Espírito da Verdade, perguntou-lhe: “*Poderei evocar-te em minha casa?*”, obtendo dele, a seguinte resposta: “*Sim, para te assistir pelo pensamento: mas, para respostas escritas em tua casa, só daqui a muito tempo poderás obtê-las.*” (28)

Bom, aqui já dá para concluir que o Codificador foi, na pior das hipóteses, **um médium intuitivo**, que era assistido via pensamento pelo seu guia Espírito da Verdade. É certo que surgirão objeções quanto a essa nossa conclusão; entretanto,

demonstraremos, na sequência, que a razão nos é bem favorável.

Em um dos diálogos com Pierre Le Flamand, publicado na **Revista Espírita 1859**, mês de maio, que será transcrito mais à frente, esse Espírito se referindo ao Codificador afirma que “*ele nos melhora bem*”.

É interessante isso que foi dito, porquanto, não podemos ter outra conclusão senão a de que Allan Kardec era médium intuitivo, “captava” os pensamentos dos Espíritos e, ao escrevê-los, os melhoravam.

Na **Revista Espírita 1861**, mês de novembro, encontramos um discurso de Allan Kardec aos espíritas de Bordeaux, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

Nos trabalhos que fiz para alcançar o objetivo que me propus, sem dúvida, fui ajudado pelos Espíritos, assim como eles me disseram várias vezes, mas **sem nenhum sinal exterior de mediunidade. Não sou, pois, médium no sentido vulgar da palavra**, e hoje comprehendo que é feliz para mim que assim o seja. Por uma

mediunidade efetiva, não teria escrito senão sob uma mesma influência; seria levado a não aceitar com verdade senão o que me teria sido dado, e isso talvez errado; ao passo que, na minha posição, convinha que tivesse uma liberdade absoluta para tomar o bom por toda parte onde ele se encontrasse, e de qualquer lado que viesse; portanto, pude fazer uma escolha de diversos ensinamentos, sem prevenção, e com inteira imparcialidade. [...]. (24)

Aqui, Allan Kardec ao dizer “*não sou, pois, médium no sentido vulgar da palavra*” confessa que não tinha a mediunidade ostensiva, a que classificara como de sentido restrito, ou seja, que não tinha “**um poder mediúnico muito grande,... para transmitir o pensamento dos Espíritos pela escrita ou pela palavra**” (25); porém, era de alguma forma médium, fato que já percebemos e que também comprovaremos a seguir.

Na **Revista Espírita 1862**, mês de janeiro, o Codificador publicou o artigo intitulado “Ensaio sobre a interpretação da doutrina dos anjos decaídos”, sobre o qual disse:

A Teoria que apresentamos é, pois, uma **opinião pessoal**; nos parece concordar com a razão e com a lógica; é o que lhe dá, **aos nossos olhos um certo grau de probabilidade.** (26)

Para certificar-se de que o seu raciocínio não era de todo impróprio, ele envia a diferentes grupos espíritas a seguinte pergunta relacionada à sua ideia sobre os anjos rebeldes, dos anjos decaídos e do paraíso perdido: “*Que pensar da teoria emitida a este respeito no artigo publicado acima por Allan Kardec?*” (27)

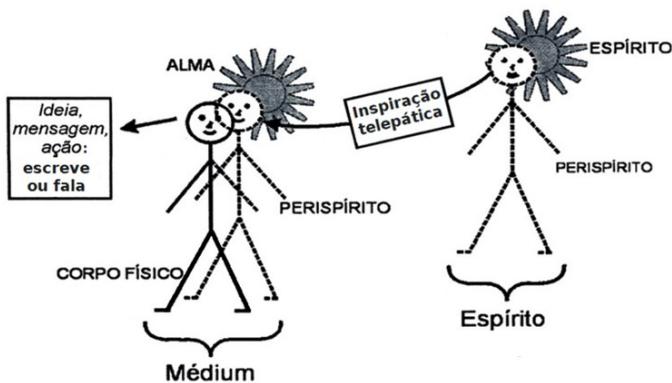
Como veremos, dois Espíritos se apresentaram e disseram a Allan Kardec que “*são palavras inspiradas pelos Espíritos do bem*” (28) e que “*em realidade, não fez senão dar uma forma às [ideias] que lhe eram inspiradas*” (29).

A nossa principal questão é: em qual tipo de médium poderemos classificá-lo? Acreditamos, sem nenhuma dúvida, que Allan Kardec era médium intuitivo, tomando da definição em ***O Livro dos Médiuns***, 2^a parte, cap. XVI, item 191, que oportunamente mencionaremos.

Temos registrada em **Obras Póstumas**, uma mensagem destinada a Allan Kardec, datada de 14 de setembro de 1863, sobre a qual o Codificador fez a seguinte observação:

O plano da obra fora, de fato, completamente modificado, o que sem dúvida o médium não podia saber, pois que ele estava em Paris e eu em Sainte-Adresse. Tampouco podia saber que o Espírito de Verdade me falara da atitude de revolta do Bispo de Argélia e outros. **Todas essas circunstâncias eram bem urdidas para me comprovar que os Espíritos tomavam parte em meus trabalhos.** (30)

Nesse desenho, que adaptamos (31), temos o que ocorria no fenômeno da inspiração:



Então a ideia que, telepaticamente, o Espírito inspira ao médium, tem duas formas de se exteriorizar através dele: pela escrita ou pela fala. Quando isso ocorre com um médium ostensivo, designamos, respectivamente, de psicográfico e psicofônico. Já no caso de ser uma influência oculta, são classificados de médiuns intuitivos e inspirados.

Podemos também corroborar o fato das inspirações pelos Espíritos tomando das próprias palavras de Allan Kardec, registradas na **Revista Espírita 1867**, mês de setembro, no artigo “Caracteres da revelação espírita”; senão vejamos:

Sem ter nenhuma das qualidades exteriores da mediunidade efetiva, não contestamos em sermos assistidos em nossos trabalhos pelos Espíritos, porque temos deles provas muito evidentes para disto duvidar, o que devemos, sem dúvida, à nossa boa vontade, e o que é dado a cada um de merecer. Além das ideias que reconhecemos nos serem sugeridas, é notável que os assuntos de estudo e observação, em uma palavra, tudo o que pode ser útil à realização da obra, nos chega sempre a propósito, - em outros tempos eu teria dito: como por encantamento –, de sorte que os materiais e os documentos do

trabalho jamais nos fazem falta. Se temos que tratar de um assunto, estamos certos de que, sem pedi-lo, os elementos necessários à sua elaboração nos são fornecidos, e isto por meios que nada têm senão de muito natural, mas que são, sem dúvida, provocados por colaboradores invisíveis, como tantas coisas que o mundo atribui ao acaso. (32)

Ao dizer que “sem ter nenhuma das qualidades exteriores da mediunidade efetiva” e “além das ideias que reconhecemos nos serem sugeridas”, entendemos que é o mesmo que afirmar sobre ter a mediunidade intuitiva, porquanto, pelo pensamento, os Espíritos transmitiam a Allan Kardec suas ideias. Sem a menor suspeita disso, ele as escrevia como se fossem dele, conforme lhe foi dito. Portanto, cremos ter chegado ao nosso objetivo, que era demonstrar que Allan Kardec **foi, sim, médium intuitivo**.

Foi bom sabermos que a nossa conclusão não é isolada, pois o prof. João Francisco Regis de Moraes, autor da obra **Cáritas e Sua Prece Histórica**, a certa altura, taxativamente, diz que:

[...] **Kardec era médium de intuição, certamente**; mas não tinha manifestações

mediúnicas como psicografia, psicofonia, clarividência etc. [...]. (33)

Isso também põe por terra a opinião do antiespírita René Guénon, como vimos, em *O Erro Espírita*, de que Allan Kardec “jamais foi médium”. (34) Como, anteriormente, dissemos, esse filósofo, nada mais faz que tomar para si as ideias do Sr. Daniel D. Home. Porém, ele usa o termo “inspiração”; nós “intuição”; qual é a diferença entre ambos?

Na intuição o médium escreve a ideia que o Espírito lhe inspira, enquanto, que na inspiração o médium fala, temos, portanto, se não é o mesmo processo que ocorre na psicografia e na psicofonia é algo que se aproxima muito dele, se assim podemos dizer. Assim, entendemos que o termo correto a ser usado, para definir a mediunidade de Allan Kardec, seria o de intuição e não o de inspiração.

Alguns episódios que, definitivamente, comprovam a sua mediunidade de intuição deixamos para citá-los no próximo capítulo, por achar que teriam mais a ver com o contexto a ser trabalhado nele.

Fenômenos espíritas protagonizados por Allan Kardec

“Contra os fatos não há nem oposição nem negação que possam prevalecer.”
(ALLAN KARDEC)

Antes de adentrarmos nos volumes da *Revista Espírita*, apresentaremos o primeiro fenômeno espírita ocorrido com Allan Kardec, que havíamos prometido narrar. Ele está registrado em ***Obras Póstumas***, no capítulo “A minha primeira iniciação no Espiritismo”, narrado pelo próprio Codificador:

25 de março de 1856

(Em casa do Sr. Baudin; médium: Sra. Baudin)

MEU GUIA ESPIRITUAL

Morava eu, por essa época, na rua dos Mártires, nº 8, no segundo andar, ao fundo. **Uma noite, estando no meu gabinete a trabalhar, pequenas pancadas se fizeram ouvir na parede que me separava do aposento vizinho.** A princípio, nenhuma atenção lhes dei; como, **porém, elas se**

repetissem mais fortes, mudando de lugar, procedi a uma exploração minuciosa dos dois lados da parede, escutei para verificar se provinham do outro pavimento e nada descobri. O que havia de singular era que, de cada vez que eu me punha a investigar, o ruído cessava, para recomeçar logo que eu retomava o trabalho. **Minha mulher entrou da rua por volta das dez horas; veio ao meu gabinete e, ouvindo as pancadas, me perguntou o que era.** Não sei, respondi-lhe, **há uma hora que isto dura.** Investigamos juntos, sem melhor êxito. **O ruído continuou até à meia-noite, quando fui deitar-me.** (35)

Foi bem um fenômeno inusitado, para o qual não encontramos uma explicação plausível, uma vez que, até onde conseguimos chegar, não existe nada que nos leve à conclusão de que o Codificador tenha sido médium de efeito físico e, além disso, há somente uma ocorrência desse tipo.

No último parágrafo do artigo “Os agêneres”, publicado na **Revista Espírita 1859**, mês de fevereiro, Allan Kardec conta o seguinte:

Um fato quase análogo nos é pessoal.
Enquanto estávamos pacificamente em nossa cama, **um dos nossos amigos viu-**

nos várias vezes em sua casa, embora **sob uma aparência não tangível, sentado ao seu lado e conversando com ele como de hábito**. Uma vez nos viu com roupão, outras vezes com paletó. **Transcreveu nossa conversa, que nos comunicou no dia seguinte. Ela era, pensando bem, relativa aos nossos trabalhos prediletos.** Para fazer uma experiência, ofereceu-nos refrescos, e eis nossa resposta: “Deles não necessito, uma vez que não é meu corpo que aqui está; vós o sabeis, não há nenhuma necessidade de vos produzir uma ilusão.” Uma circunstância, bastante bizarra, se apresentou na ocasião. Seja predisposição natural, seja resultado de nossos trabalhos intelectuais, sérios desde nossa juventude, poderíamos dizê-lo desde a infância, o fundo do nosso caráter sempre teve uma extrema gravidade, mesmo na idade em que não se pensa mais do que no prazer. **Essa preocupação constante nos dá um encontro muito frio, excessivamente frio mesmo; ao menos é pelo que somos frequentemente censurados;** mas, sob essa falsa aparência glacial, o Espírito sente, talvez mais vivamente, como se tivesse mais expansão exterior. Ora, **em nossas visitas noturnas ao nosso amigo, este ficou surpreso por nos achar diferente; éramos mais aberto, mais comunicativo, quase alegre.** Tudo respirando, em nós, a satisfação e a calma do bem-estar. Não está aí um efeito do Espírito desligado da

matéria? (36)

No estado de emancipação da alma provocado pelo sono, Allan Kardec conversava com um amigo sobre seus trabalhos prediletos.

O curioso é que nesse momento ele se tornara “*mais aberto, mais comunicativo, quase alegre*”, contrastando com sua “*aparência glacial*” quando no seu normal estado de vigília.

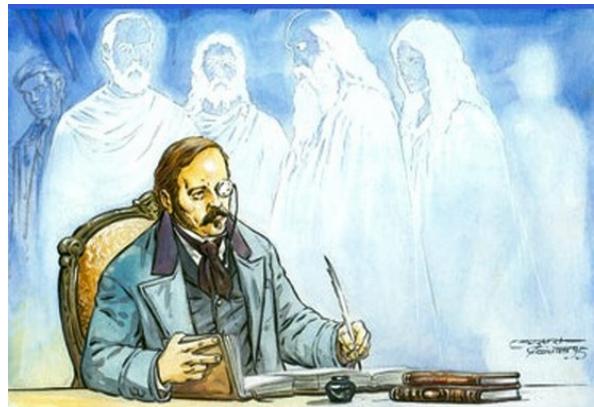
Avançando para o mês de maio, temos publicado na **Revista Espírita 1859** o artigo “Cenas da vida particular espírita” que registra dois diálogos com Pierre Le Flamand (Espírito). Do último deles, destacamos o seguinte trecho, ao qual inserimos a imagem ilustrativa (37):

47. Voltemos ao senhor Allan Kardec. –

R. Fui à sua casa anteontem à noite; estava ocupado escrevendo em seu escritório..., trabalhava numa nova obra que prepara... Ah! ele nos melhora bem. A nós outros, pobres Espíritos; se não nos conhecerem não será por culpa sua.

48. Estava só? – R. Só, sim, quer dizer que não havia ninguém com ele; mas havia,

ao redor dele, uma vintena de Espíritos que murmuravam acima de sua cabeça.



49. Ele os ouvia? – R. **Ouvia-os, se bem que olhasse por todos os lados para ver de onde vinha esse ruído**, para ver se não eram milhares de moscas; depois, abriu a janela para ver se não fora o vento ou a chuva.

Nota. – O fato era perfeitamente exato.

50. Entre todos esses Espíritos, não o reconheceste? – R. Não; não são os da minha sociedade; eu tinha o ar de um intruso e postei-me num canto para observar.

51. Esses Espíritos pareciam se interessar pelo que ele escrevia? – R. Eu o creio muito! Sobretudo, **havia dois ou três que lhe sopravam o que ele escrevia** e que tinham o ar de se aconselharem com outros; ele, **ele acreditava ingenuamente que as ideias eram dele**, e com isso parecia contente. ⁽³⁸⁾

Como alhures dissemos, se Allan Kardec chegou a ouvir Espíritos murmurando ao seu redor, conseguindo até mesmo escrever o que alguns deles lhe soprava; então, podemos, mais uma vez, confirmar que ele, de fato, era médium intuitivo.

Aliás, o que, na maioria das vezes, acontece com os médiuns “intuitivos e inspirados” é que, geralmente, acham que, o que é por eles escrito ou falado, seja de sua própria criação, nem sequer suspeitam ser de outra fonte.

Ainda na ***Revista Espírita* 1859**, agora no mês de setembro, temos o artigo “Morte de um espírita”, do qual transcrevemos este trecho:

(Sociedade, 8 de julho de 1859)

O senhor J..., negociante do departamento da Sarthe, que morreu em 15 de junho de 1859, **era um homem de bem, sob todos os aspectos**, e de uma caridade sem limites. Ele **fizera um estudo sério do Espiritismo**, do qual era um dos fervorosos adeptos. Como assinante da *Revista Espírita*, **tinha relações indiretas conosco, sem que nos vissemos**. Evocando-o, [...] era para nós um objeto de estudo interessante do ponto de vista da influência que pode ter o

conhecimento aprofundado do Espiritismo sobre o estado da alma depois da morte.

1. *Evocação*. – R. Estou aqui há algum tempo.

2. Não tive o prazer de vos ver; não obstante, me reconheceis? – R. Eu vos reconheço tanto melhor **quanto se vos visitasse frequentemente, e porque tive mais de uma conversa convosco, como Espírito, durante a minha vida.**

Nota. – Isso confirma o fato muito importante e do qual tivemos numerosos exemplos, de comunicações que os homens têm entre si, com o seu desconhecimento durante a sua vida. Assim, **durante o sono do corpo, os Espíritos viajam e se visitam reciprocamente**. Eles trazem, ao despertar, **uma intuição das ideias que hauriram nessas conversas ocultas, mas das quais ignoram a fonte**. Temos, dessa maneira, durante a vida, uma dupla existência: a existência corpórea que nos dá a vida de relação exterior, e a existência espírita, que nos dá a vida de relação oculta. (39)

Aqui temos a inusitada ocorrência de dois Espíritos encarnados, que, algumas vezes, durante o sono confabularam. Certamente que isso ocorreu porque nesses momentos suas almas estavam emancipadas do corpo físico.

Na ***Revista Espírita 1862***, mês de abril, Allan Kardec diz que recebeu diversas respostas entre elas as relativas ao teor do artigo intitulado “Ensaio sobre a interpretação da doutrina dos anjos decaídos” (40). Entre elas, destacamos estas duas:

1^{a)}) Assinada por “Vosso guia Espiritual”, pelo médium Sr. Barão de Kock:

Sobre este artigo não tenho senão poucas palavras a dizer, senão que é sublime de verdade; nada há a acrescentar, nada há a suprimir; bem felizes aqueles que unirem fé a essas belas palavras, aqueles que aceitarão esta Doutrina escrita por Kardec. **Kardec é o homem eleito de Deus** para instrução do homem desde o presente; **são palavras inspiradas pelos Espíritos do bem, Espíritos muito superiores.** Acrescentai-lhe fé; lede, estudai toda esta Doutrina: é um bom conselho que vos dou. (41)

2^{a)}) Assinada por “Paul, Espírito protetor”, recebida pela Sra. Delton:

Não direi nada diverso sobre essa interpretação dos anjos rebeldes e dos anjos decaídos, senão que ela faz parte dos ensinamentos que devem vos ser dados, a fim de dar, às coisas mal compreendidas, seu verdadeiro sentido. **Não creiais que o autor**

desse artigo o haja escrito sem assistência, como ele mesmo pensou; acreditou emitir suas próprias ideias e foi por isso que dela se duvidou, ao passo que, em realidade, não fez senão dar uma forma às que lhe eram inspiradas.

Sim, está com a verdade quando disse que os anjos rebeldes estão ainda sobre a Terra, e que são os materialistas e os ímpios, aqueles que ousam negar o poder de Deus, [...]. (42)

Fica claro que, ao escrever o artigo sobre os anjos decaídos, Allan Kardec estava sendo inspirado pelos Espíritos do bem, ou seja, ele “*não fez senão dar uma forma às [ideias] que lhe eram inspiradas*”, em razão disso, agiu como médium intuitivo.

A 14 de setembro de 1863, em Paris, uma mensagem é dirigida a Allan Kardec, conforme foi registrada em ***Obras Póstumas***, da qual destacamos o seguinte trecho:

Quero falar-te de Paris, embora isso não me pareça de manifesta utilidade, uma vez que **as minhas vozes íntimas se fazem ouvir em torno de ti e que teu cérebro percebe as nossas inspirações, com uma facilidade de que nem tu mesmo**

suspeitas. Nossa ação, principalmente a do *Espírito de Verdade*, é constante ao teu derredor e tal que não a podes negar. Assim sendo, não entrarei em detalhes ociosos a respeito do plano de tua obra, plano que, **segundo meus conselhos ocultos, modificaste tão ampla e completamente.** Compreendes agora por que precisávamos ter-te sob as mãos, livre de toda preocupação outra, que não a da Doutrina. **Uma obra como a que elaboramos de comum acordo necessita de recolhimento e de insulamento sagrado.** [...]. (43)

A afirmativa de que “*as minhas vozes íntimas se fazem ouvir em torno de ti e que teu cérebro percebe as nossas inspirações, com uma facilidade de que nem tu mesmo suspeitas*” é a confirmação do que estamos dizendo, sobre Allan Kardec ter sido médium intuitivo.

No artigo “Imitação do Evangelho – Fenômeno de clarividência”, datado de 20 de outubro de 1863, constante de **Obras Póstumas**, Allan Kardec relata um episódio acontecido com a médium clarividente Srta. V..., que de Paris o vê em Ségur, cerca de 660 km de distância.

Da narrativa, destacamos o seguinte trecho

que inicia com uma pergunta de Amélie Gabrielle Boudet, consorte do Codificador, à Srt. V..., médium clarividente:

— “Uma vez que não podereis avistar-vos com meu marido, o que ele muito lamentará, não poderéis transportar-vos em Espírito até onde se encontra, e vê-lo?”

Por um instante, recolheu-se a Senhorita, e disse:

— “Sim, vejo-o; acha-se num aposento muito iluminado, no pavimento térreo; há ali três janelas... Oh!... e como tudo é alegre! A casa é circundada por jardins... por toda parte árvores e flores... Tudo respira a calma e tranquilidade... Ele está sentado, próximo a uma janela, trabalhando... **Está cercado por uma multidão de Espíritos que lhe conservam a boa saúde... alguns há que parecem muito elevados, e o inspiram; um deles especialmente parece ser superior a todos os demais**, sendo-lhes objeto de deferências. (44)

O interessante dessa narrativa é constatar que a médium Srt. V... viu os Espíritos inspirando Allan Kardec, quando ele se ocupava na elaboração de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Particularmente, não temos nenhuma dúvida de que se tratava do

Espírito de Verdade, aquele que era superior aos demais e quem presidia toda a falange de Espíritos envolvidos na Terceira revelação.

Em nota o Codificador, dá sua opinião sobre a médium. Dela destacamos o seguinte trecho:

[...] Todas as circunstâncias comungam na prova de que, em realidade, a Senhorita V... a tudo presenciava, **não sendo joguete da própria imaginação**. Tal fato constitui-se, para mim, numa prova do interesse que os Espíritos tinham por esse trabalho, bem como da **assistência que a mim dispensam** e a minhas atividades. (45)

Do artigo “Mediunidade mental”, publicado na **Revista Espírita 1866**, mês de março, transcrevemos o seguinte trecho de seus parágrafos iniciais:

Um de nossos correspondentes nos escreve de Milianah (Argélia):

“A propósito do **desligamento do Espírito que se opera em todo o mundo durante o sono**, meu guia espiritual me exerce durante a vigília. **Enquanto o corpo está entorpecido, o Espírito se transporta ao**

longe, visita as pessoas e os lugares de que gosta, e reentra em seguida sem esforço. [...] Também o exerço no recolhimento, o que me proporciona a agradável visita de Espíritos simpáticos, encarnados e desencarnados. [...] **A conversação mental se estabelece, como na comunicação intuitiva**, e esse gênero de conversa tem alguma coisa de adoravelmente íntimo. [...].

“Há alguns dias apenas, tive a vossa visita, caro mestre, e pela doçura do fluido que me penetrava, acreditei que era um de nossos bons protetores celestes; julgai de minha alegria em **reconhecendo**, em meu pensamento ou antes em meu cérebro, como **o próprio timbre de vossa voz.** [...].”⁽⁴⁶⁾

As vibrações elevadas que Allan Kardec emitia, na condição de Espírito emancipado, fez com que o seu correspondente o confundisse com algum Espírito protetor. Ora, se “*O fluido humano está sempre mais ou menos impregnado das impurezas físicas e morais do encarnado*”⁽⁴⁷⁾, então podemos concluir que o Codificador possuía essas qualidades em um grau elevado.

Acreditamos ser oportuno também trazermos o que se vê em mais duas obras:

1^a) Revista Espírita 1867,

Em maio temos publicado o artigo “Atmosfera Espiritual”, do qual destacamos:

Um princípio perfeitamente averiguado por todo Espírita, é que **as qualidades do fluido perispiritual estão em razão direta das qualidades do Espírito encarnado ou desencarnado; quanto mais seus sentimentos são elevados e livres das influências da matéria, mais seu fluido é depurado.** Segundo os pensamentos que dominam num encarnado, ele irradia raios impregnados desses mesmos pensamentos que os viciam ou os saneiam, fluidos realmente materiais, embora impalpáveis, invisíveis para os olhos do corpo, mas perceptíveis para os sentidos perispirituais, e visíveis para os olhos da alma, uma vez que impressionam fisicamente e tomam aparências muito diferentes para aqueles que estão dotados da visão espiritual. (48)

2^a) A Gênese

Do cap. XIV – Os fluidos, tópico “Qualidades dos fluidos”, ressaltamos os seguintes itens:

16. [...] é evidente que eles [os fluidos]

devem achar-se impregnados das qualidades boas ou más dos pensamentos que os fazem vibrar, modificando-se pela pureza ou impureza dos sentimentos. [...].

18. [...].

Pela sua união íntima com o corpo, **o perispírito** desempenha um papel preponderante no organismo. **Pela sua expansão, põe o Espírito encarnado em relação mais direta com os Espíritos livres e também com os Espíritos encarnados.**

O pensamento do encarnado atua sobre **os fluidos espirituais**, como o dos desencarnados, e **se transmite de Espírito a Espírito** pelas mesmas vias; conforme seja bom ou mau, saneia ou vicia os fluidos ambientes.

Uma vez que os fluidos ambientes são modificados pela projeção dos pensamentos do Espírito, **seu envoltório perispirítico**, que é parte constituinte do seu ser e que recebe de modo direto e permanente a impressão de seus pensamentos, **deve, com mais forte razão, guardar as marcas de suas qualidades boas ou más.** [...]. (49)

Portanto, para nós, fica claro que a qualidade da irradiação de um Espírito tem relação direta com o seu estágio evolutivo, daí poderemos concluir, sem medo de errar, que o Codificador deveria ser um

Espírito da 2^a ordem. Se levarmos em conta a importantíssima missão que recebera, tem tudo para pertencer a 2^a classe, a dos Espíritos superiores.

Como alguns casos têm relação com o sono, inclusive, com o próprio Allan Kardec dialogando com uma pessoa viva, é oportuno trazermos de **O Livro dos Médiuns**, cap. XIV - Dos Médiuns, algo constante do item 167, que trata dos médiunsvidentes:

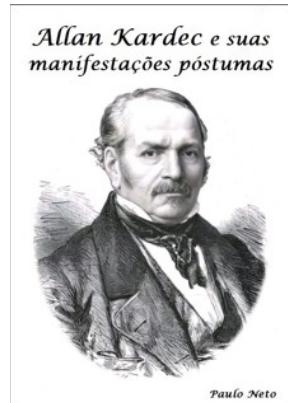
Os médiunsvidentes são dotados da faculdade de ver os Espíritos. Alguns gozam dessa faculdade em estado normal, quando perfeitamente acordados, e conservam a lembrança precisa do que viram.
[...] **A possibilidade de ver os Espíritos quando sonhamos não deixa de ser uma espécie de mediunidade, mas não constitui, propriamente falando, a mediunidade de vidência.** [...]. (50)

Amplia-se, desse modo, a relação de pessoas que são médiuns sem o saberem, se levarmos em conta o que está aí colocado.

Como sempre estamos relendo a coleção da *Revista Espírita*, novas situações ou novos casos

poderão surgir e, certamente, serão acrescentados a este artigo. Caro leitor, caso tenha conhecimento de alguma situação que aqui não foi citada, lhe pedimos o favor de nos informar: paulosnetos@gmail.com

Várias são fontes em que temos notícias sobre inúmeras manifestações póstumas de Allan Kardec, entre as quais há até uma materialização na data de 18/12/1953. Aos que tem interesse nesse tema sugerimos nosso ebook **Allan Kardec e suas Manifestações Póstumas** (51).



A previsão sobre a utilização da borracha na locomoção

“Há coisas que não podem vir senão a seu tempo.” (OLE, q. 610)

Sob o título “Um sonho instrutivo” foi publicado este artigo na **Revista Espírita 1866**, mês de junho, que prevê a futura utilização da borracha na locomoção:

Durante a última doença que tivemos no corrente abril de 1866, **estávamos sob o império de uma sonolência e de uma absorção quase contínuas**; naqueles momentos revíamos constantemente coisas insignificantes, e às quais não prestávamos nenhuma atenção; mas **na noite de 24 de abril, a visão ofereceu um caráter tão particular** que por ela fomos vivamente tocados.

Num lugar que nada lembrava à nossa lembrança e que parecia uma rua, **havia uma reunião de indivíduos que conversavam juntos**; dentre eles, somente

alguns nos sendo conhecidos em sonho, mas sem que pudéssemos designá-los nominalmente. Considerávamos essa multidão e procurávamos saber o assunto da conversação, quando, de repente, **apareceu num ângulo da parede uma inscrição** em caracteres pequenos brilhantes como fogo, e que nos esforçávamos por decifrar; estava assim concebida: “**Descobrimos que a borracha rolada sob a roda faz uma léguia em dez minutos, contanto que a estrada...**” Enquanto procurávamos o fim da frase, a inscrição se apagou pouco a pouco, e despertamos. Com medo destas singulares palavras, nos apressamos em transcrevê-las.

Qual poderia ser o sentido dessa visão, que absolutamente nada em nossos pensamentos, nem em nossas preocupações, poderia ter provocado? Não nos ocupando nem de invenções nem de pesquisas industriais, isso não poderia ser um reflexo de nossas ideias. Depois, **que poderia significar essa borracha que, rolada sob uma roda, faz uma léguia em dez minutos?** Era a revelação de alguma nova propriedade dessa substância? **Estaria chamada a desempenhar um papel na locomoção?** Queria-se nos colocar no caminho de uma descoberta? Mas, então, por que dirigir-se a nós antes que a homens especiais, tendo o tempo suficiente para fazer os estudos e as experiências necessárias? No entanto, **esse sonho era muito característico, muito especial, para**

ser alinhado entre os sonhos de fantasia; deveria ter um objetivo; qual era? É o que procurávamos inutilmente.

No dia, tendo tido ocasião de consultar o doutor Demeure sobre a nossa saúde, disso aproveitamos para pedir-lhe nos dizer se esse sonho apresentava alguma coisa de sério. Eis o que ele nos respondeu:

“Os numerosos sonhos que vos cercaram nestes últimos dias são o resultado do próprio sofrimento que sentis. **Todas as vezes que há um enfraquecimento do corpo, há tendência ao desligamento do Espírito;** mas quando o corpo sofre, o desligamento não se opera de maneira regular e normal; o Espírito é incessantemente chamado ao seu posto; daí uma espécie de luta, de conflito, entre as necessidades materiais e as tendências espirituais; daí também as interrupções e as misturas que confundem as imagens e delas fazem conjuntos bizarros e desprovidos de sentido. O caráter dos sonhos se liga, mais do que se crê, à natureza da doença; é um estudo a fazer, e os médicos nele encontrarão, frequentemente, diagnósticos preciosos, quando reconhecerem a ação independente do Espírito e o papel importante que desempenha na economia. Se o estado do corpo reage sobre o Espírito, de seu lado o estado do Espírito influi poderosamente sobre a saúde, e, em certos casos, é tão útil agir sobre o Espírito quanto

sobre o corpo; ora, a natureza dos sonhos pode, frequentemente, ser um indício do estado do Espírito. É, eu o repito, um estudo afazer, negligenciado até este dia pela ciência, que não vê por toda a parte senão a ação da matéria e não leva em nenhuma conta o elemento espiritual.

"O sonho que me assinalais, aquele do qual guardais uma lembrança tão nítida, **me parece pertencer a uma outra categoria:** ele contém um fato notável e digno de atenção; certamente, foi motivado, mas **não saberia dele dar-lhe presentemente uma explicação satisfatória;** não poderia vos dar senão a minha opinião pessoal, da qual não estou bastante seguro. Tomarei minhas informações em boa fonte, e amanhã vos darei parte daquilo que tiver sabido."

No dia seguinte ele nos deu a explicação que se segue:

"O que vistes no sonho, que estou encarregado de vos explicar, não é uma dessas imagens fantásticas provocadas pela doença; é muito realmente uma manifestação, não de Espíritos desencarnados, mas de Espíritos encarnados. Sabeis que, no sono, podem se encontrar com pessoas conhecidas ou desconhecidas, mortas ou vivas; foi este último caso que ocorreu nessa circunstância. **Aqueles que vistes são encarnados que se ocupam separadamente, e sem se conhecerem na maioria, de invenções**

tendentes a aperfeiçoar os meios de locomoção, e anulando, tanto quanto possível, o excesso de despesa causado pelo desgaste dos materiais hoje em uso. Uns pensaram em borracha, outros em outras matérias; mas o que há de particular é que se quis chamar a vossa atenção, como assunto de estudo psicológico, sobre a reunião, num mesmo lugar, dos Espíritos de diferentes homens perseguiendo o mesmo objetivo. **A descoberta não tem relação com o Espiritismo**; foi somente o conciliáculo dos inventores que se quis vos fazer ver, e a inscrição não tinha outro objetivo senão o de especificar, aos vossos olhos, o objeto principal de sua preocupação, porque **há os que procuram outras aplicações da borracha**. Ficai persuadido de que, **frequentemente, o é assim, e que quando vários homens descobrem ao mesmo tempo, seja uma nova lei, seja um novo corpo, sobre diferentes pontos do globo**, seu Espírito estudou junto a questão durante o sono, e, ao despertar, cada um trabalha de seu lado, aproveitando o fruto de suas observações.

“Notai bem que aí estão as ideias de encarnados, e que não prejulgam nada sobre o mérito da descoberta; pode ser que, de todos os cérebros em ebullição, saia alguma coisa de útil, como é possível que deles não saia senão quimeras. Não tenho necessidade de vos dizer que seria inútil interrogar os Espíritos a esse respeito; sua missão, como

o dissesse em vossas obras, não é poupar ao homem o trabalho das pesquisas trazendo-lhe invenções inteiramente feitas, que seriam tanto prêmios de encorajamento para a preguiça e a ignorância. Nesse grande torneio da inteligência humana, cada um ali está por sua própria conta, e a vitória é do mais hábil, do mais perseverante, do mais corajoso.

“Pergunta. Que é preciso pensar das descobertas atribuídas ao acaso? Não há delas que não são o fruto de nenhuma pesquisa?

“Resposta. O acaso, bem o sabeis, não existe; as coisas que vos parecem o mais fortuitas têm sua razão de ser, porque é preciso contar com as inumeráveis inteligências ocultas que presidem a todas as partes do conjunto. **Se o tempo de uma descoberta chegou, seus elementos são postos à luz por essas mesmas inteligências;** vinte homens, cem homens passarão ao lado sem notá-la: um único lhe dará sua atenção; não era tudo encontrá-la, o essencial era saber colocá-la em obra. **Não foi o acaso que lho colocou sobre os olhos, mas os bons Espíritos que lhe disseram: Olha, observa e aproveita se tu o quiseres.** Depois, ele mesmo, nos momentos de liberdade de seu Espírito, durante o sono de seu corpo, pôde ser colocado no caminho, e, em seu despertar, instintivamente, se dirige para o lugar onde

deve encontrar a coisa que está chamado a fazer frutificar por sua inteligência.

“Não, não há acaso: tudo é inteligente na Natureza.”⁽⁵²⁾

O que julgamos interessante nesse relato é que os Espíritos levam Allan Kardec a uma reunião no plano espiritual em que vários cientistas discutem invenções ligadas à locomoção dos homens. O objetivo é que possa tirar desse fenômeno explicações sobre situações que ocorrem quando os Espíritos se afastam do corpo físico, nos períodos de inatividade corporal.

Conclusão

“Muito cuidado com a sua forma de pensar, pois quando uma pessoa se fanatiza, ela passa a não enxergar nada mais além daquilo que acredita ser verdade.”

Sinceramente, para nós está mais do que provado que Allan Kardec era médium de intuição. A falsa ideia de que não era médium, até ele mesmo pensou assim, é bom lembrar, reside no fato de que esse tipo de mediunidade não tem um caráter ostensivo, daí não ser facilmente percebida.

Na verdade, essa é uma mediunidade comum a todos nós, porém o que ocorre, como vimos o próprio Codificador passar por isso, é que os Espíritos nos “sopram” suas ideias e nós, em quase 100% das situações, tomamos como sendo produto de nossa “criatividade”, nosso “gênio”. Não raras vezes, até mesmo inchamos o peito, dizendo aos botões da camisa: “Como sou inteligente”. Enfim, passamos por ridículos e não nos damos conta.

Referências bibliográficas

- AUBRÉE, M e LAPLANTINE, F. ***A mesa, o livro e os espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil.*** Maceió: EDUFAL, 2009.
- CHAGAS, A. P. ***Introdução à Ciência Espírita.*** Bragança Paulista (SP): Lachâtre, 2004.
- GUÉNON, R. ***L'erreur spirite.*** Paris: Ed. Traditionnelles, 1984.
- GUÉNON, R. ***O Erro Espírita.*** São Paulo: Instituto René Guénon, 2010.
- HOME, D. D. ***Lights and Shadows of Spiritualism.*** London: Virtue, 1878.
- KARDEC, A. ***A Gênese.*** Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. ***O Céu e o Inferno.*** Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. ***O Livro dos Médiuns.*** São Paulo: Lake, 2006.
- KARDEC, A. ***Obras Póstumas.*** Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1858.*** Araras (SP): IDE, 2001.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1859.*** Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1861.*** Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1862***. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1865***. Araras (SP): IDE, 2000.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1866***. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1867***. Araras (SP): IDE, 1999.

MIRANDA, Allan Kardec e o mistério de uma fidelidade secular, in *Reformador*, ano 91, abril 1973, edição 4, p. 11.

MORAIS, R. ***Cáritas e sua prece histórica***. Campinas (SP): Editora Allan Kardec, 2006.

PALHANO JR. L. ***Dicionário de Filosofia Espírita***. Rio de Janeiro: CELD, 2004.

PIRES, J. H. ***Mediunidade: vida e comunicação. Conceituação da mediunidade e análise geral dos seus problemas atuais***. São Paulo: EDICEL, 1987.

Periódico:

Reformador, ano 91, abril 1973, edição 4, Rio de Janeiro: FEB, p. 9-12.

Internet:

Allan Kardec e os Espíritos que murmuravam (imagem):
<http://1.bp.blogspot.com/-mgkkDaCUbJs/TZPDQJ-x1fl/AaaaaAAAJo/bxj2o1Vzhrw/s1600/Figura%252520projeto%252520imagem%25252018.jpg>. Acesso em: 23 ago. 2023.

MOLLO, E. *Cesta-pião*, disponível em:

https://www.espiritualidades.com.br/Artigos/M_autores/MOLLO_Elio_tit_Psicografia.htm. Acesso em: 06 set. 2023.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Allan Kardec e suas*

manifestações póstumas, disponível em:

<https://paulosnetos.net/article/allan-kardec-e-suas-manifestacoes-postumas>. Acesso em: 20 ago. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Médiuns são somente os que*

sentem a influência dos Espíritos?, disponível em:

<https://paulosnetos.net/article/mediuns-sao-somente-os-que-sentem-a-influencia-dos-espiritos-ebook>. Acesso em: 30 ago. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Todos nós somos médiuns?*,

disponível em: <https://paulosnetos.net/article/todos-nos-somos-mediuns-ebook>. Acesso em: 20 ago. 2024.

O artigo “Kardec foi médium?”, incorporado nesse ebook, na versão original e com o título anterior, foi publicado:

- na revista ***Espiritismo & Ciência Especial***, Grandes Temas do Espiritismo, nº 50. São Paulo: Mythos Editora, nov/2011, p. 4-11;
- na ***Revista Cristã de Espiritismo***, nº 105. São Paulo: Minuano, mai/2012, p. 34-37.
- na *Revista semanal de divulgação espírita “O Consolador”*, Ano 12 – N° 565 – 29 de Abril de 2018, parte 1 e N° 566 – 6 de Maio de 2018, parte 2 e final.
- na revista ***O Fóton***, volume 13 – dezembro de 2018, Rio de Janeiro: AFE – Rio, p. 20-25.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** - Grupo de Apologética Espírita (<https://apologiaespirita.com.br/>), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos e ebooks que estão publicados em seu site **Paulo Neto** (<https://paulosnetos.net>) e em outros sites Espíritas na Web, entre eles, **EVOC** (https://www.oconsolador.com.br/editora/ordem_autor.htm).

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I*; 7) *Espiritismo e Aborto*; e 8) *Chico Xavier: Uma Alma Feminina*.

b) digitais: 1) Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II; 2) Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III; 3) Racismo em Kardec?; 4) Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?; 5) A Reencarnação Tá na Bíblia; 6) Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem); 7) Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso; 8) Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?; 9) Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta; 10) Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?; 11) A Mulher na Bíblia; 12) Todos Nós Somos Médiuns?; 13) Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas; 14) O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito; 15) O Fim dos Tempos Está Próximo?; 16) Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves; 17) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?; 18) A Aura e os Chakras no Espiritismo; 19) Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?; 20) Espiritismo: Religião Sem Dúvida; 21) Allan Kardec e Suas Reencarnações; 22) Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?; 23) EQM: Prova da Sobrevivência da Alma; 24) A Perturbação Durante a Vida Intrauterina; 25) Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução; 26) Reencarnação e as Pesquisas Científicas; 27) Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia); 28) Haveria Fetos Sem Espírito?; 29) Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos; e 30) Herculano Pires Diante da Revista Espírita.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 PIRES, *Mediunidade*, p. 24.
- 2 O “Z” se refere ao Espírito Zéfiro. (KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 298)
- 3 AUBRÉE e LAPLANTINE, *A mesa, o livro e os Espíritos*, p. 44.
- 4 VARTIER, Jean. Allan Kardec - *La Naissance du Spiritisme* (*Allan Kardec - O Nascimento do Espiritismo*) Paris, França: Livraria Hachette, 1971.
- 5 MIRANDA, Allan Kardec e o mistério de uma fidelidade secular, in Reformador, ano 91, abril 1973, edição 4, p. disponível em:
<http://aron-um-espirita.blogspot.com.br/2017/08/allan-kardec-e-o-misterio-de-uma.html>
- 6 HOME, *Lights and Shadows of Spiritualism*, p. 224, tradução de Lúcia da Silveira Sardinha Pinto Souza.
- 7 Em GUÈNON, *O Erro Espírita*, 2010, esta citação se encontra à página 38.
- 8 GUÉNON, *L'erreur spirite*, p. 34 apud AUBRÉE e LAPLANTINE, *A mesa, o livro e os Espíritos*, p. 113.
- 9 GUÉNON, *O Erro espírita*, p. 37-38.
- 10 GUÉNON, *O Erro Espírita*, p. 37.
- 11 Frédéric Soulié foi um romancista, dramaturgo, crítico e jornalista francês, nascido em Foix em 23 de dezembro de 1800, falecido em Bièvres em 23 de setembro de 1847. [...] Autor prolífico e muito popular na época, seus maiores sucessos foram, como romancista, *Les Mémoires du Diable* e, no teatro, *La Closerie des Genêts*. Ele está quase esquecido hoje. (fonte: https://fr.wikipedia.org/wiki/Frédéric_Soulié)
- 12 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 315.
- 13 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 316.

- 14 MOLLO, *Cesta-pião*, disponível em:
https://www.espiritualidades.com.br/Artigos/M_autores/MOLLO_Elio_tit_Psicografia.htm
- 15 KARDEC, *Revista Espírita* 1858, p. 317.
- 16 KARDEC, *Revista Espírita* 1859, p. 29.
- 17 SILVA NETO SOBRINHO, *Todos nós somos médiuns?*, link:
<https://paulosnetos.net/article/todos-nos-somos-mediuns-ebook>
- 18 SILVA NETO SOBRINHO, *Médiuns são somente os que sentem a influência dos Espíritos?*, link:
<https://paulosnetos.net/article/mediuns-sao-somente-os-que-sentem-a-influencia-dos-espiritos-ebook>
- 19 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 139.
- 20 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 62-63.
- 21 KARDEC, *Revista Espírita* 1858, p. 60-61.
- 22 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 331-332.
- 23 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 163.
- 24 KARDEC, *Revista Espírita* 1861, p. 340.
- 25 KARDEC, *Revista Espírita* 1859, p. 29.
- 26 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 1.
- 27 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 21.
- 28 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 115.
- 29 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 117.
- 30 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 341-342.
- 31 CHAGAS, *Introdução à Ciência Espírita*, p. 62.
- 32 KARDEC, *Revista Espírita* 1867, p. 274.
- 33 MORAIS, *Cáritas e sua prece histórica*, p. 47.
- 34 GUÉNON, *O Erro Espírita*, p. 37.
- 35 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 304.
- 36 KARDEC, *Revista Espírita* 1859, p. 41.

- 37 Allan Kardec e os Espíritos que murmuravam:
<https://images.squarespace-cdn.com/content/v1/5d30cca1094830001b9fdb7/548819f1-1f7b-4ed0-aa92-33c83f812ad4/11+-+Kardec.jpg?format=2500w>.
- 38 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 119-120.
- 39 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 244.
- 40 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, mês de janeiro, p. 1-12.
- 41 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 115.
- 42 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 117.
- 43 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 341.
- 44 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 433-434.
- 45 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 435.
- 46 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 86.
- 47 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 260.
- 48 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 131-131.
- 49 KARDEC, *A Gênese*, p. 242-243.
- 50 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 175.
- 51 SILVA NETO SOBRINHO, *Allan Kardec e suas manifestações póstumas*, link:
<https://paulosnetos.net/article/allan-kardec-e-suas-manifestacoes-postumas>
- 52 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 172-175.